

ENTIDADE vai ensinar profissão para menores.
03 abr. 1986.

Correio Popular, Campinas,

Entidade vai ensinar profissão para menores

como parte de um amplo projeto que visa profissionalizar e educar os menores, foi implantada a "Unidade de Profissionalização Q-Ótimo", onde se fabrica e se comercializa sorvetes. Atualmente, a entidade vinculada à Igreja Católica e coordenada pelo padre salesiano Guilermundo Luiz Cozatti, atende a cerca de 40 crianças, na faixa etária de 6 a 16 anos.

Naquela cidade, vindos das ruas, os menores inicialmente são acolhidos no "Recanto da Amizade", que é a primeira unidade do projeto de apoio ao menor implantado pelo padre Guilermundo. Lá, eles são orientados e conscientizados inclusive sobre a necessidade de uma ocupação profissional.

Numa segunda fase, que depende da avaliação de educadores e assistentes sociais, os menores são encaminhados à "Unidade de Profissionalização Q-Ótimo", onde, além da comercialização dos sorvetes, os meninos também são empregados na venda de balas. "Logo que chegam na unidade, eles são utilizados na venda de balas e posteriormente comercializam os sorvetes", informou a assistente social Maria Helena Canto.

Diariamente, uniformizados e com carrinhos manuais, os menores ocupam as esquinas de Piracicaba, vendendo os sorvetes. Ao retornarem à sede da unidade, eles deixam parte do dinheiro numa espécie de banco, ficando os saques condicionados à constatação, por parte dos educadores, da real necessidade do dinheiro solicitado. "O objetivo é orientar sobre gastos desnecessários e também proteger as crianças da exploração, inclusive dos próprios pais", afirmou Maria Canto, informando que as crianças recebem 20% do que faturam, deixando o restante para a compra de matéria-prima, manutenção e outras atividades.

O verdadeiro batalhão de menores abandonados que freqüentam o centro de Campinas contará com uma entidade, ainda neste mês, que pretende ocupar o menor com o trabalho, profissionalizá-lo e orientá-lo. Isso se tornará possível, a longo prazo, com a inauguração, no próximo dia 18, da Casa do Menor. A presidente da Sociedade

de Apoio ao Menor, Dulce Maria de Paula Souza, afirmou que a entidade está sendo implantada para auxiliar o menor, sem paternalismo e com muita liberdade. "Até mesmo o nome 'Casa do Menor' poderá ser alterado se as crianças assim decidirem. A questão será discutida com elas", comentou Dulce Maria, falando da intenção de montar uma sorveteria, como primeira fase de profissionalização.

A assistente social Dulce Maria de Paula Souza disse que a fase do projeto que visa implantar atividades que possibilitem ganhos deverá ocorrer "mais para frente". A aproximação, a conquista da confiança e a tentativa de manter um bom relacionamento com os menores serão os primeiros passos de um trabalho de conscientização e encaminhamento.

Nova filosofia

O trabalho da entidade que será inaugurada como a Casa do Menor ficará restrito aos menores que atuam na área central da cidade. Na periferia, em trabalho conjunto entre a Prefeitura e entidades assistenciais, continuarão sendo criados "Núcleos de Menores", com o objetivo de combater o problema desde o início, evitando que as crianças venham para as ruas.

A liberdade — garantiu a assistente social — não será fictícia na Casa do Menor. Além do nome do estabelecimento, os menores poderão decidir, em conjunto com os administradores e educadores, os regulamentos para o funcionamento da entidade. Inicialmente, a Casa do Menor atenderá a 50 crianças, dentro da filosofia de permitir que a criança ocupe o seu espaço e de tornar possível a sua reaproximação com o vínculo familiar. A entidade está recebendo subvenções da Feac — Federação das Entidades Assistenciais de Campinas — sendo apoiada pela Prefeitura.

Idéia já tem o apoio das crianças

Antes mesmo de ser inaugurada, a Casa do Menor, já conta com o apoio de um grande número de menores. A expectativa de uma entidade que orienta, sem reprimir e sem cortar o livre trânsito, está agradando as

crianças, que já estão visitando a sede da Casa do Menor, localizada no número 2.104 da av. Francisco Glicério. No primeiro contato com o educador Reginaldo Souza Silva, as idéias das crianças são muitas, inclusive a de vender a sede da entidade para obter dinheiro suficiente para "alimentar e vestir os parentes durante todo o ano".

Os chamados menores são engraxates, vendedores de envelopes de correspondência e vendedores de limões, trombadinhas, catadores de papelão e cheiradores de cola. Muitos já passaram pelas instituições oficiais de recuperação, mas não se recuperaram. Outros fugiram do internato. Todos — mesmo os que têm pais — vivem perdidos no centro da cidade, para a todo custo garantir a subsistência.

Esperança

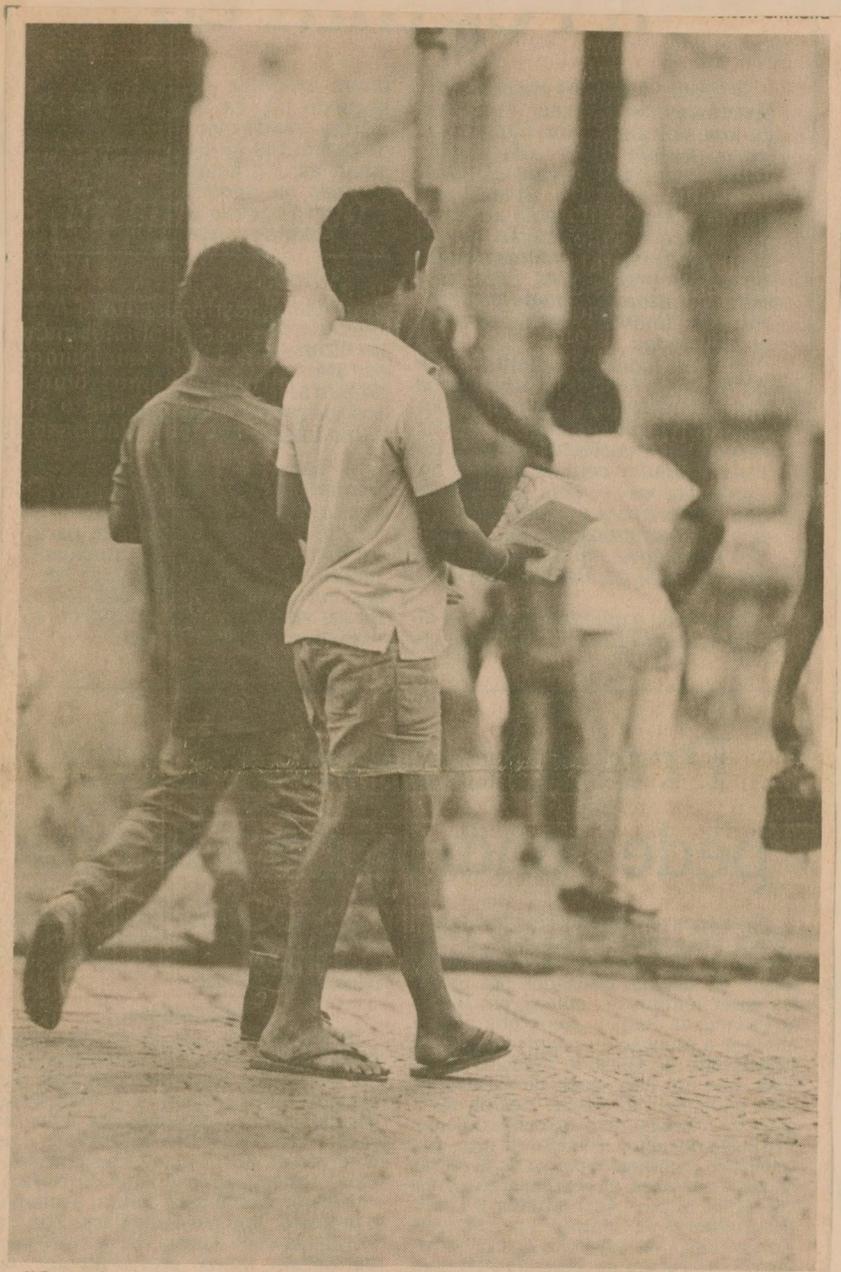
Ainda expectantes e meio des-

confiados, os garotos estão vendo a Casa do Menor como uma "coisa boa que vai acontecer". Claudécir Coelho — sentado nas escadas da agência central dos Correios e Telégrafos — afirma que, como dois outros irmãos de um total de sete, vende envelopes há cerca de um ano. "Já tenho experiência, afirma o menino de 13 anos, dizendo que há três anos vendia sorvetes.

Como o Claudécir, Paulo Sérgio Pereira da Rocha, de 13 anos, vem todos os dias do Parque Dom Pedro II, onde reside. Tendo como posto de serviço a área externa do prédio dos Correios, ele oferece envelopes. Indagado sobre o seu serviço, ele responde que "dá para viver" e diz estar ansioso pela inauguração da Casa do Menor. No Convívio, diariamente se alimentando de restos de lanchonetes situadas no local, os engraxates também já tomaram conhecimento da Casa do Menor.

Mário Firmino Bezerra, de 12 anos, engraxate há mais de três anos, e Júnior Pereira da Silva, 14 anos, há dois anos no ramo, visitaram a sede da entidade e dizem estar esperando a inauguração. Júnior afirma que a sua expectativa é de continuar levando dinheiro para casa com mais segurança, uma vez que a incerteza é marca registrada da atividade que ele hoje desempenha.





"Casa do Menor" pretende manter cursos para crianças abandonadas